

Noções Básicas de Evangelização Juvenil

Mocidade

⊖ sorriso do Centro Espírita



Capítulo 01
Texto de apoio

Capítulo 01

“Encontramos em Bordeaux numerosos e excelentes médiuns em todas as classes, de todos os sexos e idades. Muitos escrevem com grande facilidade e obtém comunicações de elevado alcance [...].

Entre os médiuns que vimos, um há que merece menção especial. É uma moça de dezenove anos que, à faculdade de escrever, reúne a de médium desenhista e músico.”

(Allan Kardec, RevistaEspírita, 3. ed., 1861, p. 474-475).

“Destaco, nessas queridas famílias, para um agradecimento particular, as Meninas Caroline, Julie e Ruth Celine. Pondo de lado os prazeres próprios da Mocidade e sacrificando horas de estudo e afazeres domésticos, elas se prestaram, durante mais de um ano, com o máximo desinteresse material e a melhor dedicação espiritual, ao fatigante uso de seus dotes mediúnicos. Tive a ventura de assistir ao zênite do desenvolvimento de suas faculdades receptoras e posso, de ciência própria, atestar sem elogio, que essas moças gentilíssimas, inteligentes e meigas, cumpriram otimamente sua nobre missão de intermediárias dos Espíritos. Como aqui estão Amigos novos, incientes desse fato, faço empenho em declarar, de voz alta, que devo à mediunidade de Caroline e de Julie BAUDIN a essência dos ensinamentos espíritas contidos em O LIVRO e, à mediunidade da Ruth Celine JAPHET, os esclarecimentos complementares que me permitiram aceitar alguns pontos, revessos à primeira inspeção.”

(Canuto de Abreu, O livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária, 2. ed., p. 135).

“A VERDADE [referência ao Espírito de Verdade], pela médium Aline [Aline Carlóti], confirmou a missão destinada a nosso amigo. Notem bem: Até a data precisa, de 25 de março de 1856, RIVAIL não conhecia seu Gênio Familiar.”

(Canuto de Abreu, O livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária, 2. ed., p. 64).

A JUVENTUDE ESPÍRITA E A DISSEMINAÇÃO DO ESPIRITISMO

“A juventude espírita é a melhor herdeira desde o ponto de vista físico da mensagem espiritual proveniente do mundo invisível; por isso ela deverá se organizar adequadamente a fim de que o Espiritismo encontre na América os vigorosos porta-estandartes do que se organizou na Europa como a Codificação Kardequiana. [...].

O Espiritismo é uma ideia emancipadora e somente respondendo à lei de progresso é que se mostrará como uma nova força espiritual, destinada a mudar a face moral dos homens e dos povos. Para isto necessita do vigor mental e corporal dos seres que o abraçam e nada melhor que a colaboração e a ação da juventude espírita que, ao seguir o espírito filosófico da codificação kardequiana, nunca se deterá, nem permanecerá retida pela ação dos retardatários, isto é, por uma visão conservadora da vida e do conhecimento.”

Humberto Mariotti (O Espírita Fluminense, Niterói, edição de setembro/dezembro de 1988).

“É por isso que, de todas as grandes figuras daqueles tempos longínquos, somos compelidos a destacar a grandiosa figura de Sócrates, na Atenas antiga.[...].

Sua palavra confunde todos os espíritos mesquinhos da época e faz desabrochar florações novas de sentimento e cultura na alma sedenta da mocidade. Nas praças públicas, ensina à infância e à juventude o formoso ideal da fraternidade e da prática do bem, lançando as sementes generosas da solidariedade dos pósteros.

Mas Atenas, como cérebro do mundo de então, apesar do seu vasto progresso, não consegue suportar a lição avançada do grande mensageiro de Jesus.

Sócrates é acusado de perverter os jovens atenienses, instilando-lhes o veneno da liberdade nos corações.

Preso e humilhado, seu espírito generoso não se acovarda diante das provas rudes que lhe extravasam do cálice de amarguras. Consciente da missão que trazia, recusa fugir do próprio cárcere, cujas portas se lhe abrem às ocultas pela generosidade de alguns juízes.

Os enviados do plano invisível cercam-lhe o coração magnânimo e esclarecido, nas horas mais ásperas e agudas da provação; e quando a esposa, Xantipa, assoma às grades da prisão para comunicar-lhe a nefanda condenação à morte pela cicuta, ei-la exclamando no auge da angústia e desesperação:

- "Sócrates, Sócrates, os juízes te condenaram à morte..."

- "Que tem isso? - responde resignadamente o filósofo - eles também estão condenados pela Natureza."

- "Mas essa condenação é injusta..." - soluça ainda a desolada esposa."

(Emmanuel, A caminho da luz, 11. ed., p. 93-94)

“Os espíritas podem agora começar, como reais pensadores e filantropos, a trabalhar nas verdadeiras raízes da sociedade.”

Estas palavras foram pronunciadas há 100 anos, quando o movimento de jovens espíritas foi iniciado em New York, no dia 25 de janeiro de 1863. São, todavia, tão atuais como se tivessem sido pronunciadas hoje pela manhã. Com elas Andrew Jackson Davis iniciou o movimento de jovens espíritas no mundo. Davis foi um extraordinário médium americano nascido em 11 de agosto de 1826, em Blooming Grove, Orange County, Estado de New York. Desencarnou em 1910.

Propagandista espírita e sensitivo de extraordinárias faculdades, Davis foi levado, em transporte, a uma colônia espiritual que lhe disseram chamar-se Summerland. Ali deparou com uma organização social maravilhosa, destacando-se grupos de jovens em labor espiritual. Em confronto com o que viu, as escolas dominicais das diversas religiões na Terra pareceram-lhe verdadeiras aberrações onde as crianças encarnadas aprendiam toda uma série de ideias errôneas e perniciosas, capazes de torná-las limitadas e intolerantes, arruinando-lhes a vida.

Numa palestra realizada no Dodsworth Hall, nº 806, Broadway, New York, no dia 25 de janeiro de 1863, narrou o que viu e fez comparações com o que existia na Terra. Ao conjunto de seus pensamentos foi dado o nome de Harmonial Philosophy.

No mesmo dia foi iniciado o novo movimento, abrangendo jovens de todas as idades, dando começo ao que no Brasil denominamos “Curso de Moral Evangélica” e Mocidades ou Juventudes Espíritas. A isto Davis denominou Children’s Progressive Lyceum, flagrantemente homenageado a antiga escola ateniense onde Sócrates ministrava ensino aos seus discípulos. Assim nasceu o Movimento Liceumista no seio do Espiritismo. Daí para a frente, propunha-se que a criança e o jovem deveriam aprender as verdades do mundo espiritual mediante uma compreensão racional e não mais em conformidade com as rançosas prescrições da teologia ortodoxa.

As reuniões eram dominicais e nelas faziam-se promoções em torno da verdade, do amor, da beleza, da arte, da saúde, da ciência e da filosofia. Essa instrução, entretanto, deveria ser ministrada de quatro maneiras diferentes. Fisicamente por exercícios e diversões sadias; intelectualmente, pela leitura e o estudo; moralmente, pelo estudo da mente e o encorajamento ao aprofundamento de raciocínios; e com mais ênfase, espiritualmente, pelo exame das verdades que constituem o eixo da vida.

Um dos lemas do movimento era: Vivemos para aprender e aprendemos para viver. A Inglaterra foi o segundo país a acolher o movimento de jovens espíritas, levado à ilha por James Burns, editor do *Médium and Daybreak*. O avanço na Grã-Bretanha foi feito pelas cidades de Nothingham, em junho de 1866 e Keyghley, no Yorkshire, onde, em 1853, com seus amigos owenistas (discípulos do líder socialista Robert Owen), David Richmond havia fundado o primeiro templo espírita da Inglaterra. Com o progresso do núcleo de Keyghley, fundado em julho de 1870, em outubro de 1884 fundava-se o terceiro em Sowerby Bridge.

Andrew Jackson Davis, o fundador do movimento de mocidades espíritas, foi uma espécie de João Batista, preparando o caminho para a Terceira Revelação já bem antes das Irmãs Fox e Allan Kardec.

O movimento liceumista floresceu extraordinariamente, até 1930, quando entrou em declínio. Os frequentadores se tornaram mais raros e os núcleos se foram extinguindo. E é muito curioso notar que, ao mesmo tempo, a ideia como que se transferiu para o Brasil. A 22 de maio de 1932 moços espíritas se reuniam em São Paulo e ali, no Centro Maria de Nazaré, constituíam o primeiro núcleo de que se tem notícia em terras do Cruzeiro. Tal qual sucedeu com o movimento esboçado por Davis, a ideia se propagou. O segundo núcleo brasileiro parece ter sido em Santos, Estado de São Paulo, fundado a 14 de junho de 1934. O Andrew J. Davis brasileiro chamou-se Luís Gomes da Silva.

Tendo por modelo o grupo paulista, em 1936 outras entidades de jovens começaram a surgir no Rio de Janeiro.”

(Disponível em <https://fems.org.br/Registro.aspx?id=20121113092755&Tipo=artigos>. Acessado em 25/03/2020 às 18h55min. O original consta no Anuário Espírita de 1971).

“Antes de ser feito algo de positivo no sentido de se criar a primeira mocidade espírita no Brasil, grande já era o desejo de muitos jovens, que surgisse um Movimento capaz de integrar e preparar o jovem para a militância no Movimento Espírita.

Esses impulsos íntimos, que foram se generalizando, culminaram na singular multiplicação dos núcleos espíritas juvenis, depois que, em 22 de Maio de 1922, no Distrito de Santana, da capital paulista, na sede do Centro Espírita Maria de Nazaré, se fundou a “União da Juventude Espírita de Santana” e, quatro anos depois, fundavam-se a “União da Juventude Espírita Amaral Ornelas” no Engenho de Dentro, e a “Mocidade Espírita de Nova Iguaçu”, no Estado do Rio de Janeiro.

Lançada e concretizada a ideia por Luiz Gomes da Silva, a quem devemos bênção da recepção intuitiva e a iniciativa genésica em tal sentido, teve a mesma posteriormente, em Leopoldo Machado, um entusiasta ardoroso, um animador incansável e um realizador fecundo. Deve-se às suas periódicas excursões doutrinárias pelo interior do país, a proliferação de grande número de Mocidades, do qual ainda hoje muitas sobrevivem, realizando algumas obras de remarcado cunho cristão.

Leopoldo Machado acreditou na força do moço, como mola propulsora para renovação de valores ao valores ao Movimento Espírita; acreditou nos Congressos, nas Semanas Espíritas e nas Confraternizações, como

forma de promoção. Lutou tenazmente para desencastelar muitos espíritas que só pensavam em termo de suas instituições, porque acreditava que o Espiritismo é Luz, é sol que no futuro próximo iluminará toda a humanidade.

Do movimento desencadeado e intensamente desenvolvido, surgiram a “União da Juventude Espírita do Distrito Federal” e o “Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil”, este último foi instituído pelo I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, que ocorreu no período de 17 a 23 de julho de 1948.

Esse Congresso foi uma das mais belas e proveitosas realizações espíritas de todos os tempos, no sentido positivo da continuação de suas resoluções. Os frutos desse congresso, até hoje estão sendo colhidos, pois a direção do Movimento espírita atual, está quase inteiramente nas mãos dos jovens de 1948.

A União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal, e o Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil, figuravam como os dois organismos federativos do movimento espírita juvenil, mas só aparentemente unificadores, pois nem sempre os expedientes de execução dos seus planos, correspondiam à essência da obra que serviam, com o agravante de mesmo entre esses órgãos não haver união.

Os jovens, que necessitavam trabalhar unidos, viam-se na contingência de por força das circunstâncias e condições imperantes, optar pelo fracionamento, dispersando seus esforços e fragmentando suas energias.

Declaradamente não poderia persistir tal estado de coisas, não só para o bem de todos e de cada qual, senão que da própria Doutrina Espírita que sempre esteve e deverá estar muito acima dos mal-entendidos de seus adeptos, oriundos em geral das inquietudes e dos desajustados de que somos passíveis.

Foi quando se teve notícia do PACTO ÁUREO, que foi concluído em 05 de outubro de 1949, sendo a concretização do almejado anseio de Unificação espírita. Indagações, debates e pronunciamentos ocorreram, até que na manhã de Domingo, dia 13 de novembro de 1949, nos estúdios da Rádio Clube do Brasil, consumou-se o Ato de Unificação das Mocidades Espíritas e Juventudes Espíritas. Num gesto nobre, o Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil e a União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal, entenderam de pronto a situação e a ela aderiram incondicionalmente, abrindo mão do direito de sobrevivência em proveito do novo rumo que as coisas haviam tomado.

As conseqüências desse Ato de Confraternização, colocam-no como um dos maiores acontecimentos ocorridos no Brasil em nível de Movimento Espírita. É nosso dever, consolidá-lo, cada vez mais, pois parte da responsabilidade de sua completa realização é nossa.

Mister se faz que cada um, dentro da sua esfera de ação, responsabilidade e influência, cumpra a sua parcela de esforço, no quadro dos trabalhos coletivos. Com o advento do Movimento de Unificação, surgiu o Departamento de Juventude da FEB, integrado inicialmente pelos participantes do extinto “Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil” e da “União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal”.

Este Departamento, tem a função de registrar e orientar as organizações espíritas em caráter juvenil.”

(Disponível em <https://www.juventudeespirita.com.br/primeira-mocidade-espirita-brasileira/>. Acessado em 25/03/2020 às 21h10min.).

E em muitas ocasiões durante toda a gestão do Presidente Thiesen, dos 15 anos em que foi Presidente da Federação Espírita era o Áureo que transmitia em nome do Supremo Comando Espiritual as orientações para a FEB no Grupo Ismael e até fora do Grupo Ismael em ligações diretas minhas com o Dr. Thiesen porque nós nos falávamos todo santo dia pelo telefone além de estarmos juntos de viva voz, fisicamente pelo menos duas vezes por semana no despacho com a Presidência para tratar de assuntos diversos e no Grupo Ismael. Então, a Direção Espiritual da Casa de Ismael naquele período se processou através da intermediação do Áureo, não só o Áureo evidentemente mas no assessoramento direto do Presidente.”

(Entrevista concedida pelo médium Hernani T. Sant'Anna, em sua residência no Rio de Janeiro à equipe do Grupo Espírita Regeneração de Goiânia no ano de 1990).

A juventude missionária do Cristianismo Primitivo

João Marcos, por sua vez, outro evangelista, era um rapazote ao tempo de Jesus, adolescente quando se iniciou nos serviços do Cristo com seu amigo e instrutor Simão Pedro. Estevão, a mais doce e comovente figura daqueles dias difíceis, o primeiro mártir do Cristianismo, depois do próprio Jesus, era pouco mais que adolescente ao ser lapidado. Jovem também era o grande Paulo de Tarso, ao se dedicar à causa de Jesus para todo o sempre: “... e as testemunhas (da morte de Estevão), tomando-lhe as vestes, as puseram aos pés de um mancebo chamado Saulo”, esclarecem os versículos 55 a 58 de Atos dos Apóstolos. Muito moço ainda, senão propriamente jovem, seria o evangelista Lucas, a julgar pela intensidade de suas lides. O Cristianismo primitivo, nos dias de trabalho, de testemunhos, de difusão e de martírio está repleto de referências a pessoas jovens convertidas ao apostolado cristão, jovens que não fraquejaram na fé pelo seu ideal nem mesmo à frente das feras, nos Circos de Roma. As obras mediúnicas que se reportam a esses tempos são incansáveis nas referências a jovens cristãos possuídos do ideal sublime da renovação pelo Amor, cujo desempenho heróico é oferecido à Humanidade hodierna como padrão de honradez, fidelidade e nobreza moral.

A juventude e o nascimento e consolidação do Espiritismo

A história do Espiritismo não é menos significativa, com a impressionante falange de juventude e mocidade convocada para os misteres da Revelação celeste, que caminha sempre: jovens de 14 e 15 anos de idade foram as irmãs Fox, as célebres médiuns de Hydesville, ao iniciarem compromissos mediúnicos com o Alto, compromissos que abalaram os alicerces de uma civilização e marcaram a aurora de etapa nova para a Humanidade. Jovens também, alguns dos principais instrumentos mediúnicos de Allan Kardec, e cuja missão singular muitos espíritas esqueceram: Mlle. Japhet, Mlle. Aline, Mlle. Boudin... Jovem de vinte e poucos anos era o médium norte-americano James, citado por Aksakof, o qual prosseguiu o romance O mistério de Edwin Drood, de Charles Dickens, deixado inacabado pelo autor, que falecera, fato único na história da mediunidade, até hoje. Jovem, a célebre médium de Alexandre Aksakof, Elizabeth d'Espérance, que desde menina falava com os desencarnados e que se tornou, posteriormente, ainda na juventude, um dos maiores médiuns de efeitos físicos e materializações de Espíritos, de todos os tempos. Jovem também a não menos célebre médium de William Crookes, que materializava o Espírito de Katie King, Florence Cook, que, com a sua extraordinária faculdade, ofertou ao Espiritismo e ao mundo páginas fulgurantes e inesquecíveis com aquelas materializações, no jovem que só mais tarde contraiu matrimônio. Também desfrutando plena mocidade foi que a lúcida intérprete do Espírito do Conde Rochester, Condessa W. Krijanovsky, obteve os romances brilhantes, que arrebanharam para o Espiritismo tantos adeptos. Jovem de 21 primaveras era Léon Denis, o grande pensador espírita, que tanto enalteceu a causa, ao iniciar seu labor no seio da Doutrina dos Espíritos, e Camille Flammarion, o astrônomo poeta, outro médium de Allan Kardec.

O JOVEM EURÍPEDES BARSANULFO

“Nasce Eurípedes Barsanulfo. Exatamente a 1º de maio de 1880.” (p. 23).

“Desde pequeno, Eurípedes demonstrou invulgar interesse pelos enfermos. Vivia à volta de pessoas sofredoras, a quem oferecia as alegrias naturais da idade.” (p. 28).

“A pedido de Eurípedes, o pai encaminhou-o para a escola primária do Sr. Joaquim Vaz de Melo onde o menino aprendera a ler e a contar rapidamente. Depois que aprendeu a ler nunca mais deixou a companhia luminosa dos livros.” (p. 28).

“Quando o Sr. Mágico levou Eurípedes para o Colégio Miranda, o menino contava nove anos e já havia feito as ‘primeiras letras’, em brilhante curso intensivo. [...].

No Colégio Miranda fora encaminhado à classe adiantada, correspondente ao ginásio.

Tornara-se assistente dos professores, assumindo as funções de monitor, que desempenhou com entusiasmo e dedicação e onde iniciou as atividades pedagógicas que o levariam a posição de invulgar destaque no magistério sacramentano.” (p. 38).

“Alguns depoimentos [...] relacionam a criação do Grêmio Dramático Sacramentano, provavelmente em 1891 ou 1892.

Eurípedes contava, então, de doze a treze anos e fora um dos fundadores mais entusiastas do novo veículo sócio-cultural da cidade.” (p. 43).

“Com os próprios recursos, criara pequena Farmácia Homeopática [por volta de 1898], com que atendia, primeiramente aos necessitados da periferia da cidade, aos quais buscava em visitas cotidianas.

O jovem encontrava disponibilidade de tempo para essa assistência diária, apesar dos compromissos na casa comercial do pai e das leituras queridas.

Aos poucos, tornava-se a Providência dos sofredores. [...].

A personalidade do jovem já se impunha pela serena compreensão das fraquezas humanas, que o situaria anos após na plana inconfundível de Missionário do Bem.” (p. 50).

“O nome de Eurípedes está profundamente ligado à história educacional de Sacramento de 1889 a 1918, quer como aluno brilhante quer como acólito dos Professores no conceituado Colégio Miranda; e ainda como professor abnegado e emérito, ele reuniu, substancialmente, elementos de extraordinária vocação pedagógica.” (p. 52).

“Sabe-se que Eurípedes já se orientava por avançadas diretrizes inspiradas no Plano Maior, ressaltando-se o visível tirocínio nato do jovem professor, no dia-a-dia escolar, de acordo com as circunstâncias.

Mestre abnegado aos vinte e dois anos era profundamente estimado pelos discípulos e pelos familiares dos mesmos.” (p. 58).

“Depoimentos merecedores do mais alto conceito dão-nos conta do zelo religioso de Eurípedes desde a meninice, quando exercia com muito respeito as funções de ‘coroinha’, nos rituais da Paróquia local. Co-fundador da Irmandade de São Vicente de Paulo, deteve por alguns anos o cargo de secretário dessa congregação.” (p. 71).

“No começo de 1903, tio Sinhô visitara a família de Meca, numa tarde morna sacramentana. Como sempre, Eurípedes recebera-o com sinceras demonstrações de júbilo.” (p. 74).

“Naquela noite, Eurípedes esforçava-se – mais que de costume – por envolver o tio nas malhas de brilhante argumentação.

Quando o moço terminou a peroração, tio Sinhô retira do bolso da casaca um livro e lhe coloca nas mãos, e torna com simplicidade característica:

— O que não posso explicar a você, este livro vai fazer, em parte, por mim.” (p. 75).

“Ao dealbar do dia imediato, o moço brindou o coração do bom Mariano da Cunha com alegre exclamação:

— Muito obrigado, meu tio! Isto é um monumento![...].

O livro trazia o título: Depois da Morte.” (p. 75).

“Eurípedes sentia, cada vez mais forte, a recrudescência da sede de novos conhecimentos em torno do Espiritismo.” (p. 79).

“Na sexta-feira da Paixão do ano de 1904, Eurípedes convida seu amigo José Martins Borges para irem ambos assistir a uma sessão espírita, em Santa Maria. [...].

Tudo era-lhe novo e surpreendente. Nunca se sentira tão vibrátil, em outras ocasiões, nos ofícios religiosos de que tomara parte.” (p. 80-81).

“O moço compreendia, finalmente, o mais perfeito código de consolações, que ao mundo fora dado receber.

Esbarra-se com a tangente de ouro pela qual caíram-lhe todas as dúvidas: a comunicabilidade dos Espíritos é um fato que não se pode opor objeções.” (p. 82).

“Apesar de estar conscientemente seguro das verdades que a Doutrina Espírita lhe projetara no Espírito, Eurípedes não havia deixado a Igreja, embora a deserção gradativa se fizesse mais sentida no consenso geral. Houve críticas acerbas. Os companheiros de crença não se conformavam com a restrição inexplicável com relação à assiduidade do moço aos cultos religiosos.” (p. 84).

“Eurípedes retorna, dias após, ao grupo fraterno de Santa Maria. Pela segunda vez assistira a uma sessão espírita.” (p. 84).

“[...] volta à cidade. O coração banha-se-lhe de claridades novas e de sublimes resoluções.

O primeiro ato de coragem, no retorno à cidade fora cortar os laços, que o prendiam à irmandade São Vicente de Paulo” (p. 85).

“Enquanto a família consanguínea de Eurípedes se fechava, envolvida nas malhas terríveis da incompreensão, que se expressavam por descabida revolta, os amigos – que totalizavam a população local – avançavam em demonstrações hostis, murmurando à sua passagem em qualquer ponto da cidade: O Professor está louco! O Professor está louco![...].

A elevada postura espiritual de Eurípedes, todavia, permitia-lhe voos a regiões celestes, que o distanciavam dos lugares comuns do cotidiano.

Desejoso de aprender com o Cristo a divina lição do Amor, o jovem Missionário mantinha a constante da prece, buscando no silêncio do recolhimento, o manancial de forças que lhe garantiam o sublime magnetismo.” (p. 86-87).

“Os novos serviços de Eurípedes atraíam numerosas pessoas, em busca do socorro amigo, que as mãos do jovem proporcionavam a todos, gratuitamente.” (p. 91).

“Como se pode depreender, Eurípedes iniciou muito jovem a sua missão junto aos sofredores e os Sábios Desígnios Divinos o amparavam no campo material, inçando-lhe os caminhos do futuro que se lhe delineavam nos horizontes singulares de Servo de Jesus.” (p. 91-92).

“Na residência de Eurípedes [...], realizaram-se os primeiros trabalhos mediúnicos, após sua conversão. [...].

Essas sessões tinham por escopo o desenvolvimento das faculdades mediúnicas de Eurípedes. Nelas se efetivou o adestramento psicográfico do moço, sendo que no começo essa faculdade apresentava-se com características de intuição consciente para depois assumir disposições mecânicas.” (p. 92).

“Na residência de Eurípedes, na Rua Visconde do Rio Branco, fundou-se o Grupo Espírita Esperança e Caridade, a 27 de Janeiro de 1905, sob a orientação de Eurípedes.” (p. 93).

“Os companheiros de magistério, no Liceu Sacramentano, abandonaram Eurípedes, após sua conversão ao Espiritismo.” (p. 109).

“Um dia, porém, ele se entristecera profundamente. Achava-se abandonado quase, no vazio da sala de aulas. Pusera-se a chorar, no silêncio de ardorosa prece.

Sentiu insinuante vontade de escrever, enquanto todo o ser se lhe banhava em magnetismo suave, muito suave, de fluidez radiosa desconhecida.

Um nome de elevado destaque das esferas superiores impusera-se-lhe aos canais intuitivos.

Ele reage. Não pode ser, não merece receber o beneplácito direto da Entidade anunciada.

Deixa o papel, julgando-se vítima de um embuste.

Eis que uma força superior toma-lhe o braço e, mecanicamente, transmite pequena mensagem, mais ou menos nestes termos:

‘Não feche as portas da escola. Apague da tabuleta a denominação Liceu Sacramentano – que é um resquício do orgulho humano. Em substituição coloque o nome – Colégio Allan Kardec. Ensine o Evangelho de meu filho às quartas-feiras e institua um curso de Astronomia. Acobertarei o Colégio Allan Kardec sob o manto do meu Amor.

No final, firma o documento precioso: — Maria, Serva do Senhor. Eurípedes seguiu à risca as instruções espirituais de Maria Santíssima.

Dos primeiros espinhos, surgira esplendorosa flor, que Eurípedes cultivou com o carinho maior de sua alma – o Colégio Allan Kardec.

O fato se dera, exatamente a 31 de Janeiro de 1907, sob a égide da sublime Mãe de Jesus.” (p. 110).

“Com a lhaneza de seu caráter asceticamente sério e impoluto, serviu à causa pública com honestidade, primando pelo dever de ser útil a seu berço natal e devotando sempre acurado estudo na análise e defesa das causas de interesse municipal.” (p. 170).

“Quando os jornais dos grandes centros anunciaram a terrível epidemia de influenza, a que os portugueses denominaram jocosamente de ‘gripe espanhola’ e em Sacramento não havia nenhum caso, Eurípedes anuncia, mais uma vez, o seu próximo desencarne.” (p. 227).

[...],

Eurípedes apareceu febril.

Durante três dias, não abandonou seu posto, junto dos enfermos, inclusive dos membros da família acamados e que a pedido de D. Meca, encontravam-se na casa. [...].

Mesmo acamado, atendeu ao receituário.

Na manhã do dia anterior, anunciara a sua desencarnação para as seis horas da manhã do dia 1º de novembro.

[...].

Ao enterramento, compareceu a população em massa, acrescida de centenas de pessoas de outras localidades, às 17 horas do dia 1º de novembro de 1918. [...].

Em cada pensamento insculpe-se em pensamento lapidar, imortal:

Glória eterna àquele, cuja virtude maior foi a de perseverar até o fim na Missão do Amor, que o Cristo lhe confiou.” (p. 228-230).

(Corina Novelino, Eurípedes– O homem e a missão, 6. ed., p. 23, 28, 38, 42, 50, 52, 58, 71, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 109, 110, 170, 227, 228-230).